

## TRABALHO, EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

Izabelle Marques Fonteles  
(Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino – MAIE/UECE)  
Maria Rafaela de Oliveira  
(Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino – MAIE/UECE)

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal discorrer sobre quatro categorias basilares dentro da problemática da educação na perspectiva marxista: Trabalho, Educação, Sociedade e a Crise Estrutural do Capital. Trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica, dialogando com alguns dos principais autores que debatem a temática da educação sob essa vertente. Para a elaboração do conhecimento, utilizamos o materialismo histórico dialético, buscando estabelecer a compreensão do legado marxiano. Com destaque para os estudos de Georg Lukács ao tratar do trabalho e a ontologia do ser social; Bogdan Suchodolski e a discussão sobre a Pedagogia da Essência e da Existência; István Mészáros e o debate sobre a Crise Estrutural do Capital, dentre outros autores que colaboram para o enriquecimento do diálogo sobre a formação do homem em seus sentidos *lato* e *estrito*, além da formação omnilateral e politécnica. Destarte, também buscamos enfatizar uma crítica sobre essas questões atrelada a formação dos profissionais da educação e a realidade enfrentada por estes no âmbito educacional. Por este prisma, os resultados até aqui obtidos mostram o quanto este trabalho é valioso para um debate crítico acerca do complexo da educação em tempos de crise do capitalismo contemporâneo.

**Palavras-chaves:** Trabalho; Educação; Crise Estrutural do Capital.

### RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo principal discutir cuatro categorías básicas dentro de la problemática de la educación en perspectiva marxista: Trabajo, Educación, Sociedad y crisis estructural del capital. Esta es una investigación teórica y bibliográfica, comunicación de algunos de los autores que tratan sobre el tema de la educación en este aspecto. Para el desarrollo de los conocimientos, se utiliza el materialismo histórico dialéctico, buscando establecer una comprensión de la herencia de Marx. Especialmente los estudios de Georg Lukács para discutir el trabajo y la ontología del ser social; Bogdan Suchodolski y la discusión sobre la esencia de la educación y la Existencia; István Mészáros y el debate sobre la crisis estructural del capital, entre otros autores que contribuyen al enriquecimiento del diálogo sobre la formación del hombre en su sano juicio amplias y estrictas, más allá de la formación omnilateral y politécnica. Por lo tanto, también se pretende hacer hincapié en una crítica sobre estas cuestiones relacionadas con la formación de profesionales de la educación y de la realidad que enfrentan las personas en el sector de la educación. En este sentido, los resultados obtenidos hasta el momento muestran cómo este trabajo es valioso para un debate crítico sobre el complejo de la educación en tiempos de crisis del capitalismo contemporáneo.

**Palabras clave:** trabajo; la educación; crisis de capital estructural.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de uma investigação em fase inicial, que tem a intenção de debater sobre a problemática da educação e os principais complexos que a circunscrevem. Dessa forma, nos amparamos no materialismo histórico dialético descrito por Marx em *O capital*, pois acreditamos que esse método seja a melhor forma de compreender o real. Concordamos com Tonet (2009) quando ele assevera que “[...] para compreender a realidade não podemos nem partir e nem permanecer no mundo das ideias. É preciso fazer uma conexão do objeto com a realidade objetiva” (TONET, 2009, p. 4).

Desse modo, buscamos nos debruçarmos pelas basilares categorias que discutem sobre a temática abordada. Que na esteira deste conhecimento através de uma abordagem dialética entre esse conjunto de saberes - Trabalho, Educação, Sociedade e Crise Estrutural do Capital. Trazendo à tona contribuições de autores renomados que se apropriam dessa discussão e nos estimulam a refletir com criticidade os complexos supracitados.

Assim, no primeiro momento, abordamos os aspectos relacionados à dialética trabalho-educação, tendo como pontos principais a discussão sobre o trabalho como categoria fundante do ser social, acreditamos que esse complexo é a “[...] única categoria que faz a mediação entre os homens e a natureza. Todo processo histórico se desenvolve a partir desse fundamento” (TONET, 2009, p. 4). Sendo assim, trataremos também da problemática da educação dentro do pensamento pedagógico. As discussões sobre a educação foram norteadas pelos conceitos de Omnilateralidade e Politecnia, de Pedagogia da Essência e da Existência e do conceito de educação em seu sentido *Lato e Estrito*.

Posteriormente, adentramos na temática sobre a Crise Estrutural do Capital, que tem provocado crise em todas as áreas da sociedade, inclusive, para efeito deste estudo, na esfera educacional, tanto em seu sentido lato, como em seu sentido estrito. Por último, seguimos com uma crítica reflexiva sobre a formação dos profissionais da educação e dos pesquisadores em início de carreira.

## 2. TRABALHO E EDUCAÇÃO

### 2.1 Trabalho como Categoria Fundante do Ser Social

Inicialmente, faremos uma breve explanação sobre as bases do ser social a partir da concepção de Lukács e os seus estudos em Marx, em que afirma que não existiria ser social sem uma base orgânica e outra inorgânica. Desse modo, Marx influenciado pelos estudos do antropólogo Morgan, dentre outros, utilizou termos da paleontologia para afirmar que a evolução do ser é constituída pela tríade: Inorgânico, Orgânico e Social. A esfera inorgânica é traduzida por tudo aquilo que é mineral, que não possui vida, no qual um mineral só pode produzir outro mineral. A esfera orgânica, por sua vez, é tudo aquilo que tem vida, que gera outra vida, e, por último, a esfera social é o resultado do salto antológico qualitativo da esfera orgânica para a esfera social, sempre em busca do novo, por meio da interação com a natureza; característica que só o homem é capaz de realizar.

Partindo desse ponto, adentraremos agora na concepção de trabalho para Marx. Para Karl Marx essa concepção somente pode ser aplicada ao trabalho humano. Marx afirma que existe uma diferença entre o trabalho realizado pela espécie humana e pela espécie animal. Pois, “[...] enquanto a produção animal é dirigida pelos instintos naturais mais primitivos, o homem empreende sua ação de forma deliberada e consciente” (SANTOS, 2009, p.6). Desse modo, é a atividade humana consciente que diferencia de maneira essencial o trabalho humano do trabalho animal. “A construção ideal do produto “na cabeça” antes de colocar em andamento as etapas que culminarão no produto previamente visualizado é uma característica somente humana” (SANTOS, 2009, p.7). Marx prossegue distinguindo tal atividade produtiva eminentemente humana daquela concernente aos animais. Segundo ele,

[...] uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na cabeça do trabalhador (MARX, 1998, p. 211-212 apud SANTOS, 2009, p. 7).

Assim sendo, podemos concluir que é o caráter consciente da atividade laboral do homem, revelada na capacidade de antecipar em sua mente essa atividade, que o torna um ser único e diferente das demais espécies, ou seja, o trabalho é um ato de pôr consciente.

Na esteira desta discussão, é interessante ressaltar o conceito de Teleologia. Sob influência de Marx, Lukács descreve e diferencia como única a atividade laborativa humana pelo seu caráter específico de “atividade posta”. Isso significa dizer que o “pôr teleológico” é

exatamente essa especificidade humana de prévia ideação do objeto, como bem visto anteriormente. Ou seja, é a capacidade que só o homem possui de dar respostas diante dos desafios materiais ao antecipar os possíveis resultados em sua consciência, a qual Lukács chamou de *prévia-ideação* (PAIVA, 2016). “Assim, o trabalho passa a ser entendido como a unidade entre o pôr efetivo de uma determinada objetividade e a atividade ideal prévia diretamente regida e mediada por uma finalidade específica” (SANTOS, 2009, p.9).

Segundo Santos (2009) é por meio da idealização e do fim objetivo que se deseja alcançar em seu trabalho que o homem insere na realidade material algo totalmente novo. Ao fazer isso, o homem rompe o processo de causalidade da natureza e implanta nela um novo fim teleológico antes inexistente.

Ainda sob a luz dos estudos em Marx, Lukács considera a categoria fundante do ser social o trabalho. É devido a sua capacidade de produzir mais do que o necessário para a sua subsistência que o trabalho passa pelo seu processo de complexificação, ampliando as possibilidades de reprodução social e criando novas necessidades. A consequência principal desse fator é o surgimento de novos complexos sociais. Desse modo, surgem então outros complexos atrelados à evolução do ser social, como o que envolve a educação. Lukács vai dizer que entre a educação e o trabalho existe uma relação de dependência ontológica e autônoma, mas nunca absoluta, na qual o trabalho retroalimenta a educação e a educação retroalimenta o trabalho.

Para Lukács (1979, p. 87 apud LIMA; JIMENEZ, 2011, p. 78),

[...] o trabalho é antes de mais nada, em termos genéticos, o ponto de partida da humanização do homem, do refinamento das suas faculdades, processo do qual não se deve esquecer o domínio sobre si mesmo. Além do mais, o trabalho se apresenta, por um longo tempo, como o único âmbito desse desenvolvimento; todas as demais formas de atividade do homem, ligadas aos diversos valores, só se podem apresentar como autônomas depois que o trabalho atinge um nível relativamente elevado.

Na medida em que o homem se humaniza por meio do trabalho, novos complexos surgem, numa relação constante e dialética de evolução do ser social. A humanização corresponde a um salto qualitativo impulsionado também pela relação evolutiva biológica da

espécie (*Hominização/Humanização*)<sup>1</sup>. De acordo com Lima e Jimenez (2011), é importante destacar que a própria extensão do desenvolvimento biológico do homem é consequência da humanização, assim, seu desenvolvimento social é consequência da complexificação da sociedade.

Por meio da ontologia marxiana-lukácsiana, encontramos no trabalho a gênese do ser social. Ao mesmo tempo em que o homem modifica a natureza, também modifica a si mesmo e a sociedade; isso aumenta, desse modo, o leque de conhecimentos e aptidões que fazem nascer novas necessidades, demandas e possibilidades a serem atendidas. “É na sua relação com a natureza que o homem se faz homem. Ao produzir sua própria existência realizando uma atividade livre e consciente o ser humano se diferencia dos demais animais” (PAIVA, 2016, p.5). Principalmente pela produção permanente do novo e para além do determinismo biológico.

## 2.2O complexo da Educação

Lukács discute a educação a partir de sua ontologia do ser social. Como visto anteriormente, o complexo da educação mantém lugar significativo no processo de reprodução social. Além disso, existe uma relação de dependência ontológica e autonomia relativa entre a educação e o trabalho num constante processo de evolução do ser, o qual se dá a partir da relação do homem com a natureza. O que, nesta esteira, colabora com a caracterização da educação em seu sentido *Lato*.

Desse modo, é importante destacar aqui que a educação possui dois sentidos diferentes, mas que não se excluem. Ambos são produtos do trabalho; o que vai diferenciar cada uma deles é o processo de complexificação do trabalho, ou seja, a divisão social do mesmo e a formação da sociedade de classes. “É o trabalho que provoca o salto ontológico para a esfera do ser social e, em decorrência da sociabilização por ele inaugurada, funda a educação como complexo social” (LIMA; JIMENEZ, 2011, p.86).

---

<sup>1</sup>A *Hominização* corresponde ao processo de evolução biológica da espécie, a qual corresponde, por exemplo, ao sucessivo aperfeiçoamento da evolução dos primatas ao homem, isto é, a mudança na postura, o andar erecto, o desenvolvimento do cérebro, das mãos... etc. A *hominização* significou a adaptação da espécie à natureza, através de um processo contínuo e ininterrupto que após o processo de *Humanização* passou a manter uma relação de influência mútua e direta. Disponível em: < <https://theoretico.wordpress.com/> >. Acesso em: 18 de jul. 2016.

Há dois modelos de educação existentes, denominados educação *lato* e educação *stricto*. Podemos considerar que a *lato* apresenta uma similaridade com a linguagem, pois possui um complexo universal, aparecendo nas diversas formações sociais constituídas pelo homem. Além disso, a educação em seu sentido amplo apresenta uma função de articular o singular ao genérico. Essa função possibilita, desse modo, a continuidade e o desenvolvimento do gênero humano atrelado, consequentemente, à continuidade do ser social e da sua reprodução. Lima e Jimenez (2011), abordam essa temática trazendo alguns pontos de extrema importância para esse entendimento:

Ao analisarmos a reprodução, constatamos que as características relacionadas à ineliminável base biológica do ser social são fixadas geneticamente e transmitidas aos singulares através do nascimento. No entanto, as características próprias do gênero, fixadas socialmente, não podem ser transmitidas por processos naturais. O surgimento do complexo da educação no ser social está atrelado a essa necessidade fundamental para a continuidade do homem enquanto ser genérico. A educação surge para desempenhar essa função imprescindível: através dela, cada indivíduo singular se apropria das objetivações que constituem os traços da sociabilidade, as características humano-genéricas produzidas pelos próprios homens [...] No desenvolvimento ontogenético, a passagem do indivíduo de membro da espécie a partícipe do gênero humano só é possível por meio da apropriação dos elementos culturais essenciais à humanização do homem. Consciência e linguagem são complexos fundamentais para a efetivação dessa passagem (LIMA; JIMENEZ, 2011, p. 84).

Assim como os demais complexos sociais, a educação é imprescindível para a continuidade do ser social. Pois é por meio dela que os indivíduos adquirem a singularidade necessária e os elementos culturais essenciais para a sua humanização.

A educação em sentido *estrito* é produto direto do processo de complexificação do trabalho, pois foi a partir da divisão social do trabalho e da crescente e contínua evolução desse processo - como no caso do surgimento das profissões, ofícios de transmissão dos conhecimentos de maneira direcionada para determinados fins postos, ou seja, não mais de forma espontânea - que a educação sofreu significativas mudanças, passando também a compor um complexo.

Em resumo, a educação em sentido amplo é um complexo universal amplamente reproduzido, enquanto que a educação em sentido *estrito* surge pela complexificação do

trabalho e pela divisão de classes e é influenciada pelos interesses dessas classes, sobretudo, a classe dominante, no bojo da sociedade capitalista.

Com a Revolução Burguesa, esses dois modelos de educação formulam uma nova divisão, sendo a Educação propedêutica e a Educação profissionalizante. Ambas possuem público e objetivos distintos. Sendo a propedêutica voltada para uma formação de cunho geral, e a profissionalizante é voltada para o mercado de trabalho (nessa o seu público alvo é a classe trabalhadora). E assim, as sociedades se dividem cada vez mais, pois, é dividido os pensantes e os que vão apenas trabalhar para garantir sua existência.

Sob tal enfoque, cabe traçarmos aqui um paralelo com os conceitos de omnilateralidade e politecnia, ambos relacionados com a educação e com a formação do homem. Além disso, esses conceitos estão dentro do prisma da importante discussão marxista sobre trabalho-educação.

Baseado nisso, ao passo que a omnilateralidade refere-se à formação do homem em sua totalidade, a politecnia corresponde à formação do indivíduo trabalhador no âmbito da sociedade capitalista. Ou seja, a omnilateralidade seria, portanto, na compreensão de Manacorda (1991, p. 78-9 *apud* SANTOS, 2016, p. 8). “[...] um desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade de sua satisfação”.

Na visão de Sousa Junior (2010), a politecnia está diretamente vinculada ao trabalho, enquanto que a omnilateralidade o ultrapassa. Santos (2016), por meio de seus estudos em Lukács, compreende a omnilateralidade como sendo um estado de potência, ou seja, a possibilidade que o homem possui em desenvolver as suas potencialidades. Não como algo que se encerra, obtendo um fim, mas como um estado de vir a ser, um potencial. Outro ponto importante a destacar é que a omnilateralidade não nega o conceito de politecnia, pois, esta última, dentro da perspectiva global da formação do homem trabalhador, está inserida na formação omnilateral. Nessa esteira, Lukács (1996 *apud* SANTOS, 2016, p. 9), conclui que,

[...] do ponto de vista do sujeito, a omnilateralidade e a possibilidade de um desenvolvimento total de sua individualidade, o desdobramento e o desenvolvimento de todas as suas capacidades, de todas as possíveis relações sociais com a vida. Tal possibilidade mantém-se, ao mesmo tempo, como a aspiração do homem a um patamar superior de convivência humana. O

preciso sentido que omnilateralidade ganha na interpretação do pensador magiar e um ideal dentro de uma possibilidade.

Compreende-se, assim que a formação omnilateral não se restringe ao mundo do trabalho abstrato, ao estranhamento do homem diante deste mundo e nem à educação institucionalizada, em seu sentido estrito, mas como uma totalidade das manifestações humanas em potencial na perspectiva da sociabilidade livre.

Para Sousa Junior (2010), a politecnia possui uma relação íntima com a formação do homem trabalhador, sobretudo, a partir da formação posta pelas necessidades da produção capitalista. Em resumo, ainda nas palavras deste autor, a “politecnia é colocada pela própria necessidade objetiva do capital como exigência do seu movimento expansionista” (SOUSA, 2010, p. 79-80).

### **2.2.3 Pedagogia da Essência e da Existência**

Suchodolski (2002), em sua obra *A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas*, aborda duas tendências pedagógicas fundamentais no pensamento filosófico: a Pedagogia da Essência e a Pedagogia da Existência. A primeira percebe o homem em sua essência, em estado de igualdade com os demais, ou seja, os homens são iguais por natureza e precisam da educação para elevá-los a outros patamares da sua consciência, de modo que a essência percebe a existência. Já na segunda, Pedagogia da Existência, percebe o homem em suas particularidades e caracteriza os indivíduos como diferentes entre si. Cada um com suas fraquezas, qualidades e seu ritmo, enfim, entende o indivíduo com suas potencialidades.

A Pedagogia da Essência edifica-se na concepção ideal de homem, baseada em Platão e na perspectiva cristã em São Tomás de Aquino. A Pedagogia da Existência, todavia, veio depois dessa concepção de homem ideal, surgindo com o renascimento e fortalecida nas concepções evolucionistas de Darwin. Foi reconhecida por Rousseau e pelo filósofo e teólogo dinamarquês Kierkegaard, que entenderam o homem tal como é, e não como deveria ser. Livres e com potencialidades a serem desenvolvidas (SUCHODOLSKI, 2002).

## **3. SOCIEDADE E A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL**

Para o filósofo húngaro István Mészáros, estamos vivendo a era de uma crise histórica sem precedentes. A severidade dessa crise pode ser medida pelo fato de que não

estamos frente a uma crise cíclica do capitalismo, assim como foi vivenciada no passado, mas diante de uma crise estrutural, cruel, do próprio sistema capitalista. Assim, pela primeira vez na história, esta crise afeta diretamente todas as dimensões da sociedade, não estando limitada apenas à esfera socioeconômica. Passando a exigir da sociedade profundas mudanças na maneira pela qual o metabolismo social é controlado em busca de sua sobrevivência (MÉSZÁROS, 2000).

De acordo com Mészáros, o capitalismo apresenta sua expansão orientada e dirigida pela acumulação. “O sistema do capital é caracterizado por uma tripla fratura entre 1) produção e seu controle; 2) produção e consumo; e 3) produção e circulação de produtos (interna e internacional)” (MÉSZÁROS, 2000, p. 5). Desse modo, podemos concluir que só se pode falar em uma crise estrutural do capital se essas três dimensões citadas anteriormente forem atingidas. Todavia, será considerada uma crise cíclica, e não estrutural.

Assim, em relação ao modo de desenvolvimento da produção capitalista, é sabido que esta ocorre a partir da acumulação do capital. Portanto, é através da acumulação, realizada na exploração dos trabalhadores e materializada na mais valia, que reproduz, conseqüentemente, a marginalização e o aumento da pobreza da classe proletariada, nunca vista antes em outras sociedades. “Em outras palavras, diminui-se a utilização do trabalho vivo, elevando absurdamente a composição orgânica do capital, o que resulta no desemprego estrutural e na crescente precarização, tanto da atividade laborativa como das condições de vida do trabalhador” (MAIA; MENDES, 2016, p.31).

Desse modo, ouve um aumento nas taxas de desemprego atingindo todos os tipos de trabalhadores em uma escala crescente e sem limites. Segundo Mészáros, o desemprego em massa é a mais grave das doenças sociais, principalmente por vir cada vez mais assumido proporções crônicas. Logo, essa proporção é diretamente influenciada pela crise estrutural do capital, agravando e gerando o aumento de outros problemas sociais, como a pobreza, a violência e a diminuição do padrão de vida e qualidade dos trabalhadores.

Ainda na esteira dessa discussão, Santos e Costa (2015), complementam afirmando que:

[...] em consonância com as exigências da acumulação, inúmeras crises que ele mesmo criou são registradas, tais como: a falência do Estado intervencionista soviético e do Estado de Bem-estar Social keynesiano; duas

grandes guerras mundiais; o esgotamento do padrão de acumulação taylorista-fordista, dentre outros fatores. Esse conjunto de acontecimentos atesta a lógica da dialética do real, comprovando, dito de outro modo, que o capitalismo só pode existir com desgraça. (SANTOS; COSTA, 2015, p. 29-30).

Diante disto, podemos constatar que essa crise estrutural do modelo capitalista atinge todas as áreas da sociedade, inclusive, para efeito deste estudo, a esfera educacional, tanto em seu sentido lato, amplo, como em sentido estrito, educação formal, institucionalizada. Nas palavras de Carvalho:

Os efeitos nefastos da crise estrutural do capital atingem a educação no que se refere aos poucos recursos financeiros destinados à área, o que é consequência dos cortes nos gastos com a área social, não só nos países periféricos, como também nos países centrais, os quais vivem sob o impacto da desintegração do WelfareState (CARVALHO, 2009, p.45).

Tal constatação é observada sumariamente pela própria realidade em que vivenciamos nas escolas públicas, tanto na figura de professor como na de aluno. Os constantes cortes nos recursos financeiros, a precarização das escolas, do material didático e o próprio sistema educativo, o qual busca de todo modo expropriar a classe trabalhadora de sua cultura, são alguns dos reflexos amargos que estamos vivenciado.

Assim, como apresentam Maia, Filho e Segundo (2016):

A proximidade desta discussão com as questões atuais da educação brasileira justifica-se porque, em tese, nos discursos governamentais a reforma educacional é colocada como a resposta necessária às modificações que vêm ocorrendo na base produtiva da sociedade e no mercado de trabalho. Diante destas mudanças, são exigidas novas qualificações do trabalhador, de modo a garantir à força de trabalho uma constante “empregabilidade” (MAIA; SEGUNDO, 2016, p.31).

Também é oportuno falar sobre a constante desvalorização do professor, a precariedade na formação inicial e continuada destes e o descaso com os pesquisadores, principalmente os que estão em formação nos cursos de mestrado e doutorado das Universidades públicas. A falta de financiamento e os cortes nas bolsas de pesquisas desses profissionais acarretam uma série de transtornos que, inevitavelmente, refletem na qualidade da oferta da educação pública em todos os seus níveis, provocando o sucateamento e outros problemas de cunho estrutural e pedagógico. O principal afetado com todos esses desgastes é a classe trabalhadora, a qual possui uma formação somente voltada para a qualificação de

habilidades que lhe permitam apenas servir ao capital, através de um conhecimento reduzido e distante da sua realidade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todas essas temáticas abordadas, mesmo que de modo introdutório, nos ajudam a refletir e compreender a problemática da educação e seus diversos desdobramentos na sociedade em que estamos inseridos. Analisar a educação por meio de uma perspectiva crítica e com um olhar voltado para a sua essência nos possibilita sair dos trilhos que o mercado insiste em nos colocar. Nesse sentido, podemos recorrer ao estudo sobre a formação omnilateral do homem, que tem o poder de nos guiar no caminho da possibilidade e da busca insistente pelo desenvolvimento de nossas potencialidades, para que nos elevemos a patamares superiores da nossa consciência crítica profissional e para que possamos entender a importância do nosso papel nessa sociedade.

Dito isto, ainda é oportuno salientar que a formação dos pesquisadores em educação em início de carreira, como no caso dos mestrandos, carece de reflexão e consciência da própria realidade. A busca por essa formação, muitas vezes, vem atrelada a uma série de interesses influenciados pelo próprio sistema capitalista. Essa busca, baseada na preocupação em atender a demanda qualificada que o mercado impõe, pode trazer significativas consequências para estes estudantes, pois, ao focar sua formação apenas no interesse mercadológico, enfraquece e afasta o desenvolvimento da consciência plena que o pesquisador pode alcançar.

Refletir a profissão e a nossa atuação como profissionais do conhecimento nos ajuda a seguir na direção que, muitas vezes, não encontramos por vivermos dentro de uma realidade maquiada de interesses e que nos colocam como responsáveis pelas nossas próprias escolhas, fracassos e sucessos.

Por fim, devemos, antes de tudo, entender que cursar uma Pós-Graduação dentro deste sistema esmagador e cruel é um privilégio e oportunidade que, infelizmente, poucos conseguem. Por isso, é importante olhar para esta formação e entender que podemos através dela repensar as nossas práticas e apontar para o caminho das possibilidades e das mudanças, pois só através da consciência livre e da compreensão da realidade social em que vivemos é que podemos trilhar caminhos menos tortuosos.

Sendo assim, os elementos dialogados nesse estudo nos permite asseverar que esta pesquisa não está concluída, percebemos que há a necessidade de dar prosseguimento a essa investigação. Durante esse período de elaboração, percebemos o quão esse tema é valioso e pouco debatido, principalmente nas graduações em licenciaturas.

Esperamos que o debate aqui realizado seja um incentivo para que surjam mais estudos sobre o tema em questão ou despertem novos questionamentos, principalmente na área da educação, sobretudo, os complexos analisados, e que vá mais além, e seja socializado com estudantes da graduação, pós-graduação, que a partir de nossas análises poderão compreender melhor a sociedade em que estamos inseridos e também para contribuir com o enriquecimento de nossas práticas educativas na produção do conhecimento.

## 5. REFERÊNCIAS

CAMPOS, Afonso. **Hominização e humanização**, 2014. Disponível em:< <https://theoretico.wordpress.com/> />. Acesso em: 18 de jul. 2016.

CARVALHO, C. F. Elaci. **A crise estrutural do capital segundo o filósofo húngaro István Mészáros e seus reflexos na educação**. Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar, nº 17, Maringá – Paraná, 2009.

LIMA, F. Marteara; JIMENEZ, V. Susana. **O complexo da educação em Lukacs: uma análise a luz das categorias trabalho e reprodução social**. Educação em Revista, v.27, nº02, p. 73-94. Belo Horizonte, agosto de 2011.

MAIA FILHO, Osterne; MENDES SEGUNDO, M. das Dores. **O problema do mundo do trabalho no atual contexto da crise estrutural do capital**. Cad. Pes., v. 23, n. 1, São Luís - MA, jan, 2016.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Tradução por Alvaro Bianchi. Revista outubro, São Paulo, edição 04, p. 1-9, 2000.

**Ontologia, estética e crise estrutural do capital**: Deribaldo Santos, Frederico Costa e susana Jimenez (org.). – Campina Grande: EDUFCG/Fortaleza: EdUECE, 2012.

PAIVA, N. Aline. **O viés mercadológico do programa de educação para todos e seus desdobramentos na política educacional brasileira: uma análise onto-crítica**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino) – Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos; Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, Ceará, 2016.

SANTOS, Deribaldo. **Profissionalização precária e educação: crítica à escola reservada ao trabalhador no capitalismo contemporâneo**. S/D. (no prelo).

SANTOS, E. Rone. **Notas sobre a importância do trabalho na ontologia de Georg Lukács**. Revista Estudos Filosóficos, nº 2, Pág. 86 – 100. São João del-Rei - MG, 2009.

SOUSA JUNIOR, Justino de. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática a crise regressivo-destrutiva do capital**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.  
SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas**. São Paulo: Centauro, 2002.

TONET, I. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.